

Mulheres em **foco**

Boletim Informativo da Secretaria da Mulher Trabalhadora do Ramo Químico da CUT

n° 1 - Outubro/2016

EDITORIAL

O papel da mulher no governo Temer

Por Lucimar Rodrigues*

O golpe foi consolidado! Dilma, mulher valente que já havia sofrido com a ditadura militar, foi afastada de maneira ilegítima da Presidência da República e os seus mais de 54 milhões de votos foram rasgados. O papel da mulher que tinha destaque – seja no mais alto cargo da política nacional ou através das pastas nos ministérios – foi totalmente excluído no governo golpista de Michel Temer.

O protagonismo da mulher não estava personificado na figura de Dilma Rousseff, mas sim no avanço das políticas públicas para as mulheres, especialmente no combate à violência doméstica, na representatividade política, independência e empoderamento econômico da mulher via ampliação na participação no mercado de trabalho e também através do Bolsa Família que garantiu às mulheres mais vulneráveis condições mínimas de alimentação e estrutura financeira.

Neste governo golpista qual é o papel da mulher? Não há mulheres nas pastas ministeriais e a volta da primeira-dama - como “bela, recatada e do lar” - denota que o governo quer limitar as mulheres às funções secundárias na sociedade. Obviamente, é inadmissível qualquer forma de manifestação pejorativa dirigida à Marcela Temer. Isso não quer dizer, porém, que vamos nos calar mediante as atrocidades em curso.

A mídia tem dado destaque à Marcela muito mais pelas suas roupas que pelas suas ações. O objetivo é tornar a mulher figura meramente decorativa. Enquanto essa mesma mídia, que ajudou a arquitetar o golpe, apresenta seu ideal de mulher, nós trabalhadoras continuaremos na luta para que os nossos direitos duramente conquistados não sejam varridos. Não nos queremos no governo, mas continuaremos firmes nas fábricas, nas ruas e nas lutas a proclamar: “Nenhum direito a menos!”.

*Lucimar Rodrigues é coordenadora da Secretaria da Mulher Trabalhadora da CNQ-CUT

Projeto Ubuntu Formação em gênero da CNQ



Foto: Dino Santos

O projeto, que está sendo conduzido pelas educadoras Cleoci Machado e Andréa Aguiar, terá seis módulos, sendo dois realizados ainda neste ano de 2016, com o objetivo de capacitar cerca de trinta dirigentes sindicais do ramo químico da CUT para que possam assumir de forma mais equitativa e qualitativa os espaços de paridade nas direções das entidades sindicais nos próximos anos.

“Nossa expectativa é que, ao longo destes seis módulos de curso, as companheiras despertem para a necessidade de construir sua autonomia e empoderamento e encerrem essa formação mais fortes, mais unidas e bem preparadas para conduzir de forma responsável e também amorosa o trabalho sindical nas suas entidades”, enfatiza Lucimar.

A presidenta da CNQ, Lucineide Varjão, reforça a simbologia e o significado da palavra Ubuntu: “Eu sou, porque nós somos, e esse será o desafio central nesse percurso formativo no Ramo Químico da CUT. Estamos reunindo Mulheres de vários estados e vários setores do ramo para dialogar sobre as políticas de igualdade, de organização, participação, solidariedade e paridade”.

O secretário de administração Sérgio Novais contou que o atual projeto traz um pouco da experiência da então ICEM (atual IndustriALL), que promoveu o projeto UBUNTU no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 com mulheres do ramo químico da América Latina e que foi encerrado devido à interrupção do financiamento internacional.



Petroleira desde a década de 1970, **Davina Valentim da Silva** encara com modéstia sua atuação política. Testemunha da luta contra a ditadura militar, iniciou sua militância no movimento popular. Do morro carioca de São Carlos (RJ) às favelas de Diadema (SP), abraçou a causa do “povo oprimido” para firmar sua trajetória no movimento sindical combativo. Com uma agenda atribulada, ela completa seus 74 anos destacando a importância da participação da mulher para enfrentar o golpe. Confira os trechos da entrevista.

Os anos de chumbo

“Nos anos 70, a Teologia da Libertação teve influência decisiva na minha vida. Também fui criada em colégio de freiras e, como diz a música de Gilberto Gil, elas ‘me deram régua e compasso’ e abriram o horizonte para que eu pudesse lutar por justiça. É a minha raiz. Até hoje uso o anel de tucum como símbolo de compromisso com o povo pobre.

Depois de prestar concurso público, entrei na Petrobras em 8 de março de 1976 para trabalhar na área administrativa. Eu tinha terminado o curso de jornalismo na PUC-RJ e conseguia conciliar minha jornada diária com uma atuação junto ao movimento social de favelas. Era o período da ditadura militar, com intensa ebulição política.

Na Petrobras, ninguém conversava com liberdade. Na sala de pesquisa operacional, por exemplo, eram 24 homens na seção e todos tinham medo de abrir a boca. Também enfrentamos isso na escola, no colégio, na faculdade, nos bairros. Mas aprendi na prática: mesmo diante dos momentos difíceis é possível lutar, é possível mudar. Quando fui transferida para São Paulo, iniciei imediatamente um trabalho nas favelas de Diadema. Era o início da década de 1980, um período muito difícil.”

Contra as ditaduras na América Latina

“Essas atividades de resistência à ditadura militar nos levaram a visitar Nicarágua e Cuba. Digo “nós” porque eu integrava um grupo de militantes que trocavam experiências em prol da liberdade e democracia. Não gosto de definir data ou local porque foi um período que vivi intensamente. Nessa época aprendi a importância do respeito ao ser humano e da solidariedade internacional. A gente vive tantas coisas! Eu tive a oportunidade de conhecer esses países, compartilhar esse aprendizado e conviver com pessoas extraordinárias que também lutavam pelo povo oprimido. Um privilégio que agradeço muito.”

Movimento sindical

“As greves e as mobilizações dos trabalhadores, a partir dos anos 80, foram decisivas para derrubar a ditadura. Em 1995, fiquei sócia do sindicato. A partir dos anos 2000, fui convidada - como aposentada - para participar da direção do Sindicato dos Petroleiros de São Paulo.

Mulheres na linha de frente

“A participação das mulheres é importantíssima. A própria CUT e a CNQ têm como deliberação a paridade nas instâncias políticas. Quando pensamos na trabalhadora - em especial a do ramo químico - e no seu conhecimento ao transformar a matéria e concretizar em produtos, comprovamos como essa experiência pode ser canalizada em direção à luta. A atuação existe, mas é preciso acreditar na nossa força.

É tão bonito ver uma mulher grávida, uma mulher amamentando. Então, todo esse poder já define a capacidade de luta por dias melhores para toda a humanidade. A mulher transforma a vida em vida: é o máximo do humanismo!

Não podemos abaixar a cabeça diante do golpe. Recentemente mandei uma mensagem de coragem aos amigos: ‘a gente passa por momentos difíceis acreditando que dias melhores virão. E haja fé, e haja esperança!’”

Plenária de Mulheres no 2º Congresso Mundial do IndustriALL

A reunião do Comitê de Mulheres da IndustriALL foi realizada em 3 de outubro, no Rio de Janeiro, durante o 2º Congresso Mundial do IndustriALL Global Union. Na Plenária de Mulheres, a presidenta da CNQ-CUT, Lucineide Varjão, participou dos debates defendendo a cota de 40% para as mulheres nas instâncias da entidade global. Ela integra o comitê executivo da IndustriALL e é representante da América Latina.

Lucineide Varjão é eleita co-presidenta da América Latina e Caribe do IndustriALL

A presidenta da CNQ, Lucineide Varjão, foi eleita co-presidenta da América Latina e Caribe do sindicato global IndustriALL. A nova direção foi eleita por unanimidade pelos cerca de 1.500 delegados de mais de 100 entidades sindicais reunidas durante o segundo Congresso da IndustriALL. A nova direção conta ainda com Jörg Hofmann, do Sindicato dos Metalúrgicos da Alemanha, como presidente e Valter Sanches, da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT), como secretário-geral. Kemal Özkan, da Turquia, assume o cargo de secretário-geral adjunto.

Sindiplast – AM realizou atividade sobre violência contra mulher

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Material Plástico de Manaus e do Estado do Amazonas realizou, dia 4 de setembro, atividade com as mulheres da categoria para debater assédio moral e sexual contra as mulheres em seu local de trabalho e na sociedade; igualdade racial e Previdência Social. A atividade contou com a participação da dirigente Lucimar Rodrigues, Secretária da Mulher Trabalhadora da CNQ-CUT, e envolveu cerca de 30 trabalhadoras da base da entidade.



Expediente:

Boletim Informativo da Secretaria da Mulher Trabalhadora do Ramo Químico da CUT

A CNQ-CUT atua num ramo estratégico da economia nacional e representa diversos sindicatos em todas as regiões da federação, conheça mais através do site www.cnq.org.br

Jornalista responsável: Gislene Madarazo (Mtb: 36.373) - **Diagramação:** Maria Cristina Colameo Miyamura - **Colaboração:** Rosângela Vieira (Assessora Técnica DIEESE) e Elizete Moura Santos (jornalista - Mtb: 24.143)

Rua Major Diogo, 634 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01324-000
Tels.: (11) 3129 4989 e (11) 3235 4989 - e-mail: mulheres@cnq.org.br